

EUGÉNIO LISBOA

A jornada do engenheiro no território da escrita

ENTREVISTA DE NELSON SAÛTE
FOTOS DE JORGE TOMÉ.

Estamos à frente de Eugénio Lisboa: um crítico que exerceu a maior parte do seu sacerdócio numa paróquia que marcou a cidade Lourenço-marquina no período anterior à independência. Um admirável contador de histórias que partiu um dia. Treze anos depois da diáspora ele revisitou as origens. Talvez tenha visto esta paisagem com lágrimas quando em Maio e Junho voltou a percorrer esta terra que pertence à sua geografia emocional.

Os anos tombaram atrás do tempo. Para reencontrar o itinerário da geração deste homem, cuja existência e importância não podemos ignorar, fizemos esta longa entrevista. Partimos para a conversa com um bernal de perguntas pesando-nos o ombro. Ele incendiou o nervo da nossa curiosidade e sustentou um discurso extremamente sedutor. Eugénio Lisboa é um conversador espantoso!

Na longa entrevista que nos concedeu a exiguidade de espaço permite-nos apresentar somente a parte preambular, as outras seguir-se-ão — Eugénio Lisboa fez a crónica de um itinerário que cumpriu com dignidade e integridade. Falámos de livros e de autores, de deuses e de obsessões. Conversámos sobre José Régio, Jorge de Sena, Rui Knopfli, José Craveirinha, entre outros escritores habitantes do seu reino. Percorremos o excursão literário de um homem cujo discurso cauterizou sempre a mediocridade, através de uma linguagem muitas vezes perturbante, caústica e viperina. A memória deste engenheiro que escreve livros consentiu-nos a crónica dos anos da peste e de outros anos da longa jornada literária de Eugénio Lisboa.

O VIRUS DA ESCRITA

— Esta conversa vai ser longa. Tenho um saco cheio de perguntas. Na medida do possível, vamos revisitá-las cronologicamente o seu itinerário. Eugénio Lisboa nasceu aqui, no Maputo, há 59 anos, numa família humilde. Contou ainda outro dia que o seu pai era um empregado dos Correios.

— Era, quando nasci, um pequeno empregado dos Correios.

— Pequeno empregado dos Correios, exactamente...

— ... depois chegou a ser director mas na altura era pequeno em-

pregado dos Correios.

— Aos 17 anos o Eugénio Lisboa vai estudar Engenharia em Portugal

— ... pois não havia Universidade cá nessa altura.

— Vai para Portugal e

— Eu regresssei em 1955.

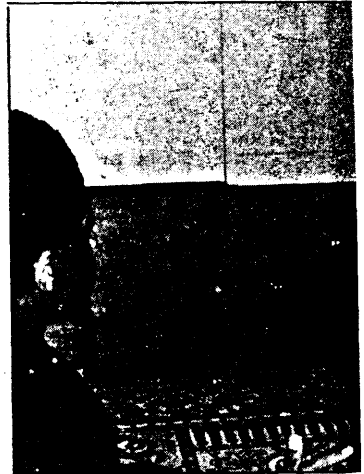
— Sim.

— Antes disso tinha voltado cá por um ano, em 1952.

— Em 1955, ano em que regressa, deixa o original da antologia que organizou sobre a obra de José Régio, publicada pela Livraria Tavares Martins, do Porto, em

1957, numa colecção dirigida por João Gaspar Simões. Ora o que eu pergunto corresponde ao que tem sido espanto para muita gente: você é um engenheiro com costela literária, como é que lhe afecta o vírus da escrita?

— O problema é muito simples, acho eu. O vírus literário nasce da própria literatura, quer dizer eu



novo tive sempre muito gosto pela leitura, tive sempre muita vontade de ler, embora não tivesse no início da minha vida, e até sair de cá aos 17 anos, não tivesse tido muitas possibilidades de eu próprio adquirir livros, porque, como disse, o meu pai tinha problemas financeiros, ganhava um ordenado pequeno. O meu irmão mais velho, tinha sido sempre uma pessoa muito doente, várias vezes sofreu intervenções cirúrgicas que

meu pai tinha que pagar e portanto não tinha dinheiro. Esse dinheiro era-lhe retirado todos os meses do seu vencimento que já era pequeno de maneira que meu pai não tinha grandes possibilidades mas mesmo sem grandes possibilidades, ele sabia que eu gostava de ler, como era bom aluno, ele sentia uma certa obrigação moral de me sustentar o vício da leitura. De vez em quando vinha da Baixa, onde trabalhava, nos Correios, e trazia escondido atrás das costas um livro. Escondido da minha mãe porque a minha mãe era quem administrava o dinheiro e era ela quem tinha os problemas. Para ela não o considerar esbanjador, ele trazia um livro escondido nas costas e dizia-me: «leva isto de maneira que a tua mãe não veja», e assim fui lendo mas não só dessa maneira. Houve um colega do meu pai que foi um dos directores aqui dos Correios, o Senhor Abel Menano, que era irmão daquele célebre cantor de fados de

sa». Foi um pretexto que ele arranjou para me oferecer uma batelada de livros e a minha primeira biblioteca foi realmente constituída por esse legado de livros que ele me ofereceu, belíssimos livros que eu ainda hoje conservo. Por outro lado há um fenómeno curioso que eu tenho gosto em contar porque tem a ver com a história, passado colonial desta terra: a maior parte das pessoas que viviam neste país eram funcionários e como funcionários tinham pouco dinheiro de maneira que, de seis em seis anos eles tinham o direito à chamada licença graciosa, iam a Portugal onde podiam estar seis meses que às vezes prolongavam por oito, simplesmente aquilo era uma espécie de rebuçado envenenado porque quando iam de licença graciosa para Portugal quando chegavam lá, o vencimento deles que era já pequeno, lá passava a ser metade. E portanto eles não tinham dinheiro para viver lá. O que é que eles faziam? Viviam aqui em

tros, que tinham pequenas bibliotecas pessoais, pediam aos colegas para lhes guardar os livros em casa, enquanto eles estavam lá de férias. O meu pai várias vezes ficou depositário dessas bibliotecas. E claro, eu tinha as bibliotecas lá e aproveitava para ir lendo. Foi assim que eu li muita coisa. E o gosto da literatura, como o Nelson possivelmente sabe, foi o mesmo que se terá passado consigo, não é?, o gosto da literatura comunica-se. Quando a gente lê livros de que goste aspira sempre a fazer o mesmo dos autores: escrever também outros livros. Foi assim que me deu esse gosto.

A TRAIÇÃO DAS LETRAS

Quando eu cheguei ao 7.º ano do liceu e tinha que escolher Letras ou Ciências. A escolha, para mim, foi muito difícil porque eu gostava igualmente de Literatura e de Ciências. Gostava muito de Matemática. Eu acho ainda hoje que a Matemática foi talvez a disciplina mais bonita que estudei. Gostava muito de Física, gostava muito de Química. Escolhi ir para as Ciências, por causa, fundamentalmente, das Matemáticas e da Física. Mas fiquei sempre com um remorso imenso de ter traído as Letras. Fui tirar a Engenharia, um curso que tive muito gosto em tirar. Não tirei com desgosto nenhum, com dificuldade nenhuma. Tirei o curso com muito prazer, ainda hoje leio livros de Ciências, mas continuei a ler sempre muita literatura. Felizmente enquanto fui estudante não precisava de dormir muito, não tinha sono, durante os primeiros três anos que passei em Lisboa dormia com muita dificuldade, não tinha sono. Então, aproveitava, ia lendo.

Ainda antes de acabar o curso, mas no fim do curso, fui fazer o meu serviço militar para Portalegre e conheci lá o José Régio. Fui para Portalegre não por querer, foi porque era mau comportado. Quando fiz o serviço militar tinha mau comportamento e eles mandaram-me para um batalhão longe de Lisboa que era esse que ficava perto da fronteira. Mas há males que vêm por bem, de maneira que conheci o José Régio e ele um dia não pensava nada escrever, gostava de ler, veio-me dizer que este



Eugénio Lisboa: quando a gente lê livros de que goste aspira fazer o mesmo dos autores

Coimbra, o António Menano, que veio a ser mais tarde um médico em Inhaminga. Era um homem bom, homem de grande coração. E o senhor Abel Menano que sabia que eu tinha um grande gosto pela leitura, um dia chamou-me lá a casa e disse-me: «olha eu tenho aqui muitos livros que me pesam muito porque eu de vez em quando vou a Portugal ou mudo de ca-

casas alugadas, vendiam a mobília toda, vendiam tudo quanto tinham e deixavam de ter casa, diziam à senhoria que não estariam cá e largavam a casa, para não pagar a renda. Com o dinheiro que vendiam a mobília juntavam lá a metade e lá iam conseguindo viver por aquele período de férias, de maneira que, aquele funcionário, como o senhor Abel Menano e ou-

editor, Tavares Martins, tinha inaugurado esta colecção «Poetas de Ontem e de Hoje» dirigida por João Gaspar Simões que tinha sido companheiro de José Régio na Presença e pediu autorização para publicar uma antologia dele. A primeira tinha sido dedicada a Almeida Garrett.

— Cujas organização foi feita por João Gaspar Simões.

— Que era o director da colecção. Mas o autor da antologia e do prefácio seria outra pessoa qualquer. E o José Régio disse ao Tavares Martins: «sim senhor, na condição de eu escolher a pessoa que vai fazer a minha antologia». Tavares Martins disse: «escolha o senhor, está certo». E ele disse que era um rapaz que estava a fazer o serviço militar em Portalegre e veio ter comigo e disse-me: «eu arranhei-lhe um editor» e eu disse: «muito obrigado mas eu não tenho livro nenhum escrito, não preciso de editor» e ele disse: «o que se passa é isto» e contou-me a história. E eu disse-lhe que eu nunca escrevi livro nenhum na minha vida acho que isso é uma audácia tremenda da sua parte apostar isso em mim e ele disse: «eu tenho falado consigo ao longo destes meses todos e vejo que você conhece a minha obra às vezes melhor do que eu próprio. E acho que você tem sentido crítico apurado de maneira que quero lançá-lo». Foi um acto muito generoso dele: «Quero lançá-lo na literatura e dou-lhe este desafio». Eu acabei por aceitar e foi assim que o livro saiu. Foi entregue ao próprio José Régio quando escrevi o ensaio e toda aquela parte erudita, mandei-lhe para ele em Portalegre e ele escreveu-me uma carta muito entusiástica dizendo que se sentia profundamente compreendido por mim no texto que tinha escrito. E logo a seguir embarquei para Moçambique.

— O livro saiu dois anos depois, em 1957.

— O editor tinha pouco dinheiro e quando o livro saiu estava eu na Beira. Eu vim para Lourenço Marques mas depois estive na Beira um ano e meio. Foi assim que eu comecei a escrever. E depois aqui em Moçambique fui escrevendo em jornais: *Diário de Notícias*, *Diário de Moçambique*, *Paralelo 20*, uma revista que foi criada na Bei-

ra, e depois na *Voz de Moçambique*, a maior parte de coisas que eu publiquei, a maior parte dos textos que fazem parte da *Crónica dos Anos da Peste* foram publicados na *Voz de Moçambique*. E portanto não teve nenhum mistério minha entrada na literatura. Aliás, eu não sou nenhum pioneiro, não sou o primeiro engenheiro que escreve livros: o Jorge de Sena ...

— Claro. O Rómulo de Carvalho, professor de Ciências, e excelente poeta, assina com o pseudónimo de António Gedeão. Curiosamente ele foi professor do Sena e este fez faculdade a reunião da obra dele sem o saber.

— Sim, o Rómulo de Carvalho que é professor de Física. O irmão do Régio que é um bellissimo poeta e pintor, Saul Dias. O Ruy Cinatti era um engenheiro agrónomo, o José Blanc de Portugal é um engenheiro geógrafo, portanto, há casos, mesmo no Século XIX: o D. João da Câmara um dramaturgo português, óptimo, e que era além disso um grande homem, um homem de grande coração. Ele quando morreu dizem que os mendigos todos de Lisboa choraram, era um engenheiro dos Caminhos de Ferro. Portanto, não sou de maneira nenhuma um caso isolado. (Risos)

A (RE) DESCOBERTA DE JOSÉ RÉGIO

— A sua resposta (sgota a questão seguinte que se referia ao convívio com José Régio. Gos'ava de saber se antes de ir a Portalegre já conhecia o José Régio.

— O escritor?

— O escritor exactamente: a obra dele.

— Sim, conhecia e admirava muito. Mas, curiosamente, a maior parte da gente da minha geração começaram por conhecer José Régio como poeta, era muito conhecido, aliás, foi por onde começou a publicar. (O primeiro livro dele foi a tese de licenciatura). O primeiro livro de criação foi *Os poemas de Deus e do Diabo*, publicado em 1925. Toda a gente admirava o José Régio por causa daquele célebre poema «O Cântico Negro». Mas, curiosamente, eu não comecei por aí, eu não tinha lido o Régio poeta quando um colega do liceu, em 1945, exactamente, no dia dos meus anos ofereceu-me

como presente um romance de José Régio chamado *Uma Gota de Sangue* que era o primeiro volume de uma série romanesca que tinha como título *A Velha Casa*. É uma espécie de romance autobiográfico.

Sairam seis volumes. O sexto ficou incompleto. Em princípio ele tinha planeado escrever sete volumes. E esse romance impressionou-me extraordinariamente: é um romance da adolescência. Nós naquela idade identificámo-nos com muita facilidade com o herói do romance. Gostei de tal maneira desse livro que fiquei em suspensão à espera do segundo volume da série que saiu, curiosamente, quando eu já estava em Lisboa. Tinha seguido para Lisboa com minha mãe para estudar Engenharia quando um dia, estava lá há poucos meses, dois ou três, e eu e a minha mãe íamos às Caldas da Rainha passar o Natal e a minha mãe deu-me dinheiro para eu ir ao Rossio comprar os bilhetes à estação do comboio. E quando eu passei numa livrariazinha que havia ali na Rua Barros Queiroz, chamada livraria Francisco Franco vi na montra de repente o segundo volume da série *A Velha Casa*, chamada *As Raízes do Futuro*. Escusado será dizer que uma pessoa que há dois anos que estava à espera daquele livro não podia esperar mais. Entrei na livraria, comprei o livro e já fiquei sem dinheiro para os bilhetes de comboio. Voltei a casa e disse-me a minha mãe: «Já compraste os bilhetes?» e eu: «Não, porque tive que comprar o segundo volume de *A Casa Velha* de José Régio». A minha mãe teve o choque da vida dela porque eu nunca tinha feito nada parecido com isto. Ainda hoje quando ela lembra-se disso olha para mim com um ar chocado. E então eu li o segundo volume, que eu acho um romance maravilhoso de análise psicológica. E só depois disso depois de um ano e meio é que comecei a ler a poesia do Régio. Não comecei pelos *Poemas de Deus e do Diabo*. Era um livro que estava esgotado mas por um outro livro chamado *Fado*. Depois, a partir daí, ia lendo os livros dele à medida que ia conseguindo comprá-los. *Os Poemas de Deus e do Diabo*, o primeiro livro dele, eu só consegui comprar com muito sacrifício financeiro porque a edição estava esgotada e a edição que a

seguir me apareceu disponível era uma edição de luxo feita por um amigo dele, o Alberto de Serpa, numa coleção chamada «As velas e os ventos» e aquilo custava aí uns 180 escudos. Não era muito, mas para aquilo que eu tinha como estudante era uma fatia importante no orçamento. Mas eu não resisti, comprei, depois fui lendo tudo quanto encontrei do Régio, em revistas, em livro e quando cheguei a Portalegre como admirava profundamente os livros de Régio, eu tinha grandes conversas com José Régio e várias vezes eu lhe chamava a atenção para vários aspectos: «Mas olha que o senhor naquele texto diz isto e aquilo» e ele dizia: «Mas olha você conhece melhor do que eu que escrevi». Foi assim que comecei e fui parar a Portalegre. Fui-lhe apresentado por um médico que viveu lá, que era um homem extraordinário, morreu há pouco tempo, o ano passado, era um médico analista, era um investigador, ganhou prémios de investigação, era um homem de uma grande inocência, era um homem de uma grande candura, um homem de esquerda e grande amigo de José Régio. Ele disse: «você quer conhecer o José Régio?» e eu disse: «Não quero outra coisa». E foi ele quem me apresentou o José Régio.

— Como é que se chamava esse médico?

— Feliciano Falcão. Dr. Feliciano Falcão. Foi uma das pessoas mais extraordinárias que encontrei nesta vida, pela sua grande generosidade, pela sua bondade. Foi director de um jornal que havia em Portalegre, era um jornal republicano, um jornal de oposição ao regime de Salazar, onde José Régio publicou alguns textos extremamente audaciosos, extremamente atrevidos, sempre que havia eleições, que o poderiam ter levado a perder o lugar. Vários professores de Universidade quando manifestavam a sua oposição ao regime perdiam o lugar. Numa ocasião eu perguntei-lhe: «Como é que você tendo escrito estes textos nunca o mandaram embora?». e ele disse: «não sei, não faço ideia, estava perfeitamente preparado para ser despedido porque quando tomei estas atitudes, tomei-as conscientemente»

Os livros de Eugénio Lisboa

— JOSE RÉGIO — ANTOLOGIA, NOTA BIBLIOGRÁFICA E ESTUDO, Porto, 1957.

— CRÓNICA DOS ANOS DA PESTE — I (estudos e ensaios), Lourenço Marques, 1973.

— POESIA DE MOÇAMBIQUE — I (em colaboração com Jorge de Sena e Maria de Lurdes Cortez), Lourenço Marques, 1975.

— CRÓNICA DOS ANOS DA PESTE — II (estudos e ensaios), Lourenço Marques, 1975).

— JOSÉ RÉGIO — A OBRA E O HOMEM, Lisboa, 1976. (2.ª edição revista e aumentada, 1976).

— O SEGUNDO MODERNISMO EM PORTUGAL, Lisboa, 1977. (2.ª edição, 1984).

— JOSÉ RÉGIO — UMA LITERATURA VIVA, Lisboa, 1978.

— VERSOS E ALGUMA PROSA DE JORGE DE SENA (antologia e introdução), Lisboa, 1978.

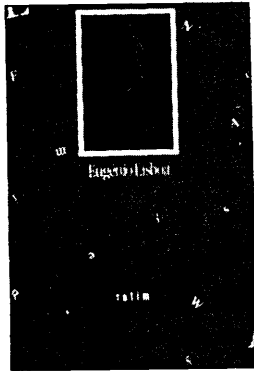
— POESIA PORTUGUESA DO «ORPHEU» AO NEO-REALISMO, Lisboa, 1980 (2.ª edição 1986).

— JORGE DE SENA (antologia, antologia crítica, bibliografia e introdução), Lisboa, 1984.

— A MATÉRIA INTENSA (poesia), Baden, 1985.

— AS VINTE E CINCO NOTAS DO TEXTO (ensaios), Lisboa, 1988.

— JOSÉ RÉGIO OU A CONFISSÃO RELUTANTE (estudo crítico-biográfico e antológico), Lisboa, 1989.



mente» mas nunca aconteceu. Eu suponho que o Marcelo Caetano que era um dos homens do regime, apesar das ideias políticas do Régio, admirava muito a obra dele e provavelmente nunca deixou que ninguém lhe fizesse mal. Nós temos destas contradições. Podemos admirar um adversário político e

protegê-lo eventualmente. Isso é que deve ter acontecido.

— O encontro com José Régio intensifica o seu interesse pela obra deste escritor, pela «Presença» cuja direcção ele pertenceu e pelo Segundo Modernismo iniciado como a revista dos presencistas em 1927?

— Claro. Intensificou-se por uma razão muito simples: muitas vezes o conhecimento com o escritor desilude-nos, porque o homem não corresponde à obra. Eu supunho que essa é mesmo o caso mais vulgar. Quando acontece o homem confirmar a obra para nós é quase uma revelação. Acontece que o Régio era efectivamente não só um homem notável mas um verdadeiro personagem. E contactar com ele era uma experiência inesquecível porque ele não era propriamente o que se chama um homem brilhante de palavra mas era um homem fluente e nos dava a impressão do pensamento a fazer-se à nossa frente. Era um homem espantosamente articulado, com um poder dialéctico extraordinário. Às vezes exasperante, porque, por vezes, tive diálogos acesos no café, eu e meus colegas, porque nos parecia que ele estava a assumir posições às vezes mesmo políticas que nos parecia inconcebível que ele assumisse: até que um dia ele me levou quase ao rubro, quase que me apeteceu maltratá-lo, ele então confessou. Disse: «Olha, eu não penso assim mas uso muito este sistema socrático dialéctico de assumir o papel do diabo porque às vezes eu acredito em certas coisas mas não tenho argumentos intelectuais suficientemente fortes para justificar a minha crença e tomo estas atitudes para ver se o meu adversário dialogando comigo descobre ele os argumentos que eu não fui capaz de descobrir». Por conseguinte, ele vestia a pele do diabo para ver se o outro indivíduo dava as razões que ele não tinha sido capaz de encontrar. É um processo dialéctico perfeitamente legítimo. Simplesmente, quando nós não estamos a par do jogo, aquilo pode inquietar. Ele era um personagem cujo convívio enriquecia extraordinariamente as pessoas, porque ele não aceitava nada só pela boa vontade de ser simpático. Ele não era um indivíduo que lisonjeava a juventude ou que lisonjeava este ou aquele movimento político, mesmo que esse movimento político fosse o dele. Ele gostava de encontrar razões fundas para que a nossa inteligência compreendesse tudo. Nessa medida acho que ele era perfeitamente insubornável. E não tenho encontrado muita gente na vida que fosse como ele.

A PARÓQUIA LOURENÇO-MARQUINA

— O Eugénio Lisboa volta a Moçambique e vai para a Beira?

— Não. Fiquei cá um ano a ensinar na Escola Industrial. E ao mesmo tempo fiz um trabalho que foi o cálculo da rede de iluminação eléctrica pública da então Lourenço Marques. Muita da rede de iluminação que ainda hoje existe, foi calculada por mim, muita gente não sabe. (Risos)

— É curioso. O personagem Eugénio Lisboa que mais conhecemos é o cronista dos anos da peste e de outros anos. A imagem do engenheiro, de que falaremos nesta entrevista, apareceu sempre abreviada. Mas prosseguindo: como é que era o clima literário na altura?

— Era vivo, já tinha começado Eu de forma nenhuma tenho a responsabilidade de ter iniciado. Havia cá um José Craveirinha, um Rui Knopfli, um Virgílio de Lemos, havia até um Nuno Bermudes, o Fernando Couto, havia imensa gente que estava a fazer coisas. Eu vim para um comboio que estava em andamento já. Desempenhei o meu papel. Acho que foi um papel que teve para mim interesse: Foi um papel que eu tive sempre o cuidado de não procurar ser simpático ou popular, procurar dizer o que realmente pensava, que acho que é a obrigação de todo o indivíduo que anda nestas lides. Não estar a querer fazer favores a A ou B mas sim dizer aquilo que pensar. E foi para mim um período muito exaltante. Esta terra não era de maneira nenhuma insignificante culturalmente. Acontecia muita coisa no campo do teatro, tivemos aqui um cine-clube, em Lourenço Marques, fui um dos indivíduos que ajudou a fundar o cine-clube da Beira que foi primeiro que o de Lourenço Marques. Depois fundou-se o de Lourenço Marques. Nunca fui membro da direcção. Sempre fui Presidente do Conselho Fiscal do Cine-Clube. Mas fiz muitas palestras acerca de filmes. Foi um cine-clube que teve uma característica curiosa. Não sei se esta história terá sido contada: nós passámos aqui no cine-clube filmes de todo o grande cinema russo: Eisenstein, Poudovkine, cinema polaco do Andrzej Wajda, do Kawalerowisq, tudo isso passou aqui nesta cidade, nu-

ma altura em que era proibido em Lisboa. Lisboa viu muitos filmes depois. Em muitos dos casos só depois do 25 de Abril, só depois da queda do regime fascista. E nós aqui conseguimos ver por uma razão muito simples. Os censores tinham tal medo da gente do cine-clube, consideravam-nos subversivos, que nomearam um censor especial para ser capaz de lidar este tronco duro que éramos nós. E então nomearam um homem que era monárquico de direita, que era um homem extremamente culto. Era o dr. Videira Pires e precisamente porque era um homem de cultura ele tinha vergonha de praticar certos actos. Ele sabia perfeitamente, ele era um homem que tinha lido muito, sabia que Eisenstein era um grande cineasta, que Poudovkine, era um grande cineasta, etc., etc. Por conseguinte tinha a maior relutância a exercer o acto censório sobre homens que ele sabia que eram parte do património cultural do mundo. de maneira que dizia-nos: «se vocês não traduzirem esta ou aquela passagem do filme e tal, o filme pode passar porque o filme é só para os membros do cine-clube, não é para a carreira comercial». Então exercia uma tolerância tremenda no cine-clube e nós vimos aqui obras absolutamente espantosas que em Portugal nem pensavam ver. Acho que foi um período exaltante da minha vida: nós liamos muito, convivíamos muito, produzíamos revistas. No cine-clube tínhamos uma revista que era Objectiva 60; era uma revista muitíssimo bem feita. Mesmo no período da guerra em que havia uma grande repressão, nós íamos fazendo a nossa subversão-zinha cultural. Aquilo que nos era possível fazer. Muitas vezes enganando a censura, pregando-lhe rasteiras. Eu quando cheguei à Europa, em 1976, não senti, de maneira nenhuma, que ia deafasado, que tinha que ganhar anos perdidos, porque aqui me tinha actualizado, tinha lido muito, tinha visto muita coisa. Não senti que ia daqui como um dinossauro que precisava de ir começar a ler.

(Continua no próximo número)